

A PSICOLOGIA NA CONSTRUÇÃO DE UMA SOCIEDADE MAIS JUSTA

TALLYS NEWTON FERNANDES DE MATOS
(ORGANIZADOR)



Atena
Editora
Ano 2020

A PSICOLOGIA NA CONSTRUÇÃO DE UMA SOCIEDADE MAIS JUSTA

**TALLYS NEWTON FERNANDES DE MATOS
(ORGANIZADOR)**



Atena
Editora
Ano 2020

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Geraldo Alves

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof^a Dr^a Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof^a Dr^a Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Prof^a Dr^a Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Prof^a Dr^a Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Luis Ricardo Fernando da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros

Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Prof^a Dr^a Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Prof^a Dr^a Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Prof^a Dr^a Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Prof^a Dr^a Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Fernando José Guedes da Silva Júnior – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof^a Dr^a Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof^a Dr^a Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof^a Dr^a Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof^a Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof^a Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof^a Dr^a Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof^a Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof^a Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof^a Dr^a Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Prof. Me. Heriberto Silva Nunes Bezerra – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof^a Ma. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Prof^a Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Prof^a Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Prof^a Dr^a Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
P974	<p>A psicologia na construção de uma sociedade mais justa [recurso eletrônico] / Organizador Tallys Newton Fernandes de Matos. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-5706-015-5 DOI 10.22533/at.ed.155202704</p> <p>1. Psicologia – Pesquisa – Brasil. 2. Psicólogos. I. Matos, Tallys Newton Fernandes de.</p> <p style="text-align: right;">CDD 150</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Aceleração nas mudanças do cotidiano auxilia o homem, por meio da tecnologia, a aperfeiçoar sua comunicação, desenvolvimento e laços. Esse desenvolvimento dar-se de forma vertiginosa e, por muitas vezes, não há a compreensão dos processos envolvidos neste percurso, ocasionando diferentes situações que podem levar a sensação de mal-estar e vazio. Todavia, este desenvolvimento acelerado ocorre por meio da “falta” e da “inquietação” do sujeito em sua dinâmica do cotidiano. É importante salientar que essa “falta” está direcionada ao amor, satisfação e desejo, como elementos essenciais que configuram o sentido e o significado na vida do sujeito.

Por conseguinte, em decorrência dessa “falta”, o sujeito passa a se utilizar de artifícios diversificados para apaziguar imaginariamente e/ou simbolicamente esse vazio. Podemos exemplificar tais artifícios como o consumo de álcool, consumo de drogas, medicamentos, as fantasias, a arte, a fuga da realidade, o materialismo, a busca desenfreada pela elevação de sua natureza, a tentativa ilusória de elevação do status social, a desigualdade, o luxo, o preconceito e o desrespeito, dentre outros, que são formas de iludir e apaziguar o vazio.

Neste cenário, destaca-se o capitalismo que colabora com essa falta por meio da sociedade moderna e democrática, conseguindo buscar, no horizonte da realidade do infortuno, da morte e da violência, a integração num único sistema das diferenças e resistências. Nesse aspecto, há uma mudança do “confronto” para a “evitação”, ou seja, há uma eliminação do “culto da glória” para a “revalorização dos covardes”. De fato, há uma perda da luta das classes sociais na busca pela revolução, possibilitando a divisão social.

Todavia, a obra “A Psicologia na Construção de uma Sociedade mais Justa” tem como foco principal a discussão científica que aborda áreas do conhecimento, como: trabalho, mal-estar na civilização, sociedade, arte, avaliação em psicologia, intervenção em psicologia e desenvolvimento humano. Salienta-se que a conjuntura e organização dos temas na presente obra se deu nessa ordem ideológica, sem a necessidade de tópicos específicos. Tais artefatos são componentes de áreas de atuação científica da psicologia, como: psicologia social, psicologia do trabalho, atuação clínica, avaliação em psicologia, saúde, sociedade, cultura e desenvolvimento humano.

Com isso, o objetivo central desta obra é apresentar um recorte da diversidade e construção teórica na psicologia, através de estudos desenvolvidos em diferentes instituições de ensino e pesquisa do país, possibilitando a reconfiguração de saberes e práticas na busca por modelos de atuação e intervenção no segmento individual e coletivo.

O impacto desta obra se dá por ser fruto de avaliações e exposições de dados, através de encontros e eventos científicos na extensão vertical e horizontal do país, que inicialmente foram avaliados e depois selecionados, por uma equipe editorial, que buscou a identificação e fator de impacto na obra no contexto atual, ou seja, temas diversificados e acentuados são tratados aqui como proposta de fundamentar o conhecimento científico.

Sabemos o quão importante é a divulgação do conhecimento através da produção científica rígida. Para tanto, foi evidenciado o impacto da Atena Editora, e sua capacidade de oferecer uma plataforma consolidada e confiável para que estes pesquisadores explorem e divulguem seus resultados.

Por fim, que esta obra possa possibilitar diferentes reflexões, como, por exemplo, uma reflexão baseada no Mito da Caverna de Platão, descrito no livro VII da obra “A República”, suscitando o pensar acerca dos esquemas superficiais de comportamento e interpretação de vida aos quais estamos presos e que contribuem para a legitimação do mundo como ele existe. A única maneira de torná-lo menos cruel e mais humanizado é fugirmos das correntes que nos prendem a falsas crenças. Esse resgate é dado na medida em que nos movimentamos, avançamos para fora da caverna de mentiras, desconsideramos o acaso e os limites impostos e nos libertamos dos preconceitos criados pelas ilusões das sombras na parede. Enfim, como já dito sabiamente por uma grande socialista revolucionária no começo no século XX, Rosa Luxemburgo: “Quem não se movimenta não sente as correntes que o prende”.

Tallys Newton Fernandes de Matos

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
REVISÃO INTEGRATIVA: SINDROME DE BURNOUT E SUA RELAÇÃO COM A QUALIDADE DE VIDA NO TRABALHO	
Karine Rebelatto Muniz Gabrielly Gomes dos Santos Lucas Rodrigues da Cunha Paes Leme Iracema Gonzaga Moura de Carvalho	
DOI 10.22533/at.ed.1552027041	
CAPÍTULO 2	14
A INCLUSÃO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA NO MERCADO DE TRABALHO	
Valleska Mendonça Procópio Erika Conceição Gelenske Cunha	
DOI 10.22533/at.ed.1552027042	
CAPÍTULO 3	25
NEXO CAUSAL: UMA ANÁLISE ENTRE TRANSTORNO MENTAL E TRABALHO	
Crislaine Bardini	
DOI 10.22533/at.ed.1552027043	
CAPÍTULO 4	45
SAÚDE DO DOCENTE NA UNIVERSIDADE PRIVADA: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA	
Cristiane de Carvalho Guimarães Isabela Ferreira Rocha Nunes Bruna da Conceição Cavalcante Caroline Aranha Kalil Helen Alice Bezerra Moraes	
DOI 10.22533/at.ed.1552027044	
CAPÍTULO 5	59
CRENÇAS LIMITANTES SOBRE EMAGRECIMENTO, DIETA E BELEZA: E A EFICÁCIA TERAPIA COGNITIVA COMPORTAMENTAL DA OBESIDADE	
Eliandresso Queiroz Rocha	
DOI 10.22533/at.ed.1552027045	
CAPÍTULO 6	71
A MORTE E O MORRER NO ENSINO DA PSICOLOGIA	
Raylane Aguiar da Silva Naglla Cristina Vieira Silva Maria Luiza Gaspar Amorim Sousa Silva Luciana Moreira Machado Andressa Regina Paulino Costa Ana Paula Pereira Cardoso Railson Muniz de Sousa Francisca Tatiana Dourado Gonçalves Zaira Arthemisa Mesquita de Araújo Willamy José da Silva Figueredo Lucas Danilo Aragão Guimarães Márcia Maria Matos Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.1552027046	

CAPÍTULO 7	83
MULHERES DE PRESIDÁRIOS: UM ESTUDO DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS NAS RELAÇÕES CONJUGAIS	
<ul style="list-style-type: none"> Anna Karolina Brandão dos Santos Gustavo Ribet Cruz Juliana Mendonça Pinheiro Lais dos Santos Rodrigues Natan Chamarelli Loiola Vitória Lima Fernandes Oliveira 	
DOI 10.22533/at.ed.1552027047	
CAPÍTULO 8	95
OUVIR PARA COMPREENDER: A DIMENSÃO PSICOLÓGICA DA COMUNIDADE VILA VITÓRIA	
<ul style="list-style-type: none"> Gabriel Nava Lima Carmen Cristina Viegas Campos Agnaldo Alles Quaresma Ana Beatriz Lima Freitas Marta dos Santos Silva 	
DOI 10.22533/at.ed.1552027048	
CAPÍTULO 9	109
O ETERNO RETORNO: ANÁLISE DE UM CASO DE AMNÉSIA ANTERÓGRADA	
<ul style="list-style-type: none"> Antonio Igor Duarte Braz Bianca Mendonça Maia Emanuela Maria Possidônio de Sousa 	
DOI 10.22533/at.ed.1552027049	
CAPÍTULO 10	111
RACISMO E PSICOLOGIAS: DIÁLOGOS NECESSÁRIOS	
<ul style="list-style-type: none"> Cláudia Freire Vaz Ângela Talita Faria Lima Debora de Assunção Souza Jonathas de Oliveira Marinho Monyke Kide Yamamoto Gushiken 	
DOI 10.22533/at.ed.15520270410	
CAPÍTULO 11	122
A CERÂMICA NA ARTETERAPIA	
<ul style="list-style-type: none"> Elainy Mota Pereira 	
DOI 10.22533/at.ed.15520270411	
CAPÍTULO 12	136
ARTETERAPIA E PATCHWORK: UMA TESSITURA APLICADA NA REABILITAÇÃO	
<ul style="list-style-type: none"> Marcia Gallo De Conti 	
DOI 10.22533/at.ed.15520270412	

CAPÍTULO 13	146
LENTE INTERIOR – POESIA, CONTOS E CORDÉIS COMO EXPRESSÃO DA HISTÓRIA DO CENTRO DAS MULHERES DO CABO	
Svetlana Valentim Delielbe Dalla Corte	
DOI 10.22533/at.ed.15520270413	
CAPÍTULO 14	150
CONTRIBUIÇÃO DO TESTE DE RORSCHACH NO CONTEXTO DA AVALIAÇÃO NEUROPSICOLÓGICA	
Alessandra Carvalho Abrahão Sallum	
DOI 10.22533/at.ed.15520270414	
CAPÍTULO 15	166
PRÁTICAS PARENTAIS E TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: UMA LEITURA BIOECOLÓGICA	
Isabela Vieira da Silva Santos Erika Conceição Gelenske Cunha	
DOI 10.22533/at.ed.15520270415	
CAPÍTULO 16	181
REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA GRAVIDEZ EM MULHERES PRIMIGESTAS ASSISTIDAS NO AMBULATÓRIO DE PRÉ-NATAL DA MATERNIDADE ESCOLA DA UFRJ	
Lucineide Fernandes Moraes Gabriela Fernandes Moraes Fonseca	
DOI 10.22533/at.ed.15520270416	
CAPÍTULO 17	198
VIOLÊNCIA INFANTIL NO BRASIL E SUAS CONSEQUÊNCIAS PSICOLÓGICAS: UMA ANÁLISE DA LITERATURA	
Ana Clara Pereira Nunes Cíntia Cassimiro da Silva Clarissa Teixeira Cardoso de Carvalho Fernanda Gonçalves da Silva Pâmela Cristine dos Santos Bastos da Fonseca Priscila da Silva Dias	
DOI 10.22533/at.ed.15520270417	
SOBRE O ORGANIZADOR	209
ÍNDICE REMISSIVO	210

RACISMO E PSICOLOGIAS: DIÁLOGOS NECESSÁRIOS

Data de aceite: 15/04/2020

Cláudia Freire Vaz

<http://lattes.cnpq.br/4569700459684986>

Ângela Talita Faria Lima

<http://lattes.cnpq.br/9763100208641724>

Debora de Assunção Souza

<http://lattes.cnpq.br/8389349434460074>

Jonathas de Oliveira Marinho

Monyke Kide Yamamoto Gushiken

<http://lattes.cnpq.br/5432552317023116>

RESUMO: O objetivo do trabalho é falar sobre a nossa experiência no projeto de iniciação científica que ocorre na Universidade Estácio de Sá (UNESA) – Campus Petrópolis chamado “A negação do racismo na psicologia”. A pesquisa desenvolvida é bibliográfica e qualitativa, onde avaliamos os textos de psicologia social, que se relacionam com o tema do racismo e os articulamos com o conceito de negação do racismo, criado pelo linguista Van Dijk (2010), que discorre sobre os recursos linguísticos que utilizamos para camuflar discursos racistas. Posteriormente, inspirados nesse autor, criamos cinco categorias para compreender as estratégias discursivas que negam a discriminação racial que foram encontradas nos textos sobre psicologia social. Defendemos a necessidade de se pesquisar essa temática na

psicologia, para que possamos fazer valer os princípios fundamentais do código de ética do psicólogo, que prezam pelos direitos humanos. Para tanto, enquanto profissionais, precisamos estar atentos às diversas formas de opressão e desigualdade existentes e, se tratando de uma sociedade racista, como a brasileira, é condição essencial entendermos as engrenagens deste discurso. Também é preciso assumir a responsabilidade que nossa profissão tem com a perpetuação do racismo, posto que é historicamente vinculada ao discurso das elites e por isso, se não for crítica e transformadora, acabamos perpetuando e mantendo uma lógica racista. O que podemos observar nos artigos é que o racismo é ainda uma temática sub estudada na psicologia e por ser cultural também influencia a nossa prática e a escrita. Acreditamos que o conceito de negação do racismo é a chave para que possamos investigar a resistência dos psicólogos em estudar o tema e que, a partir disso, poderemos fazer uma produção mais consistente e relevante sobre o assunto.

PALAVRAS-CHAVE: Negação de racismo; psicologia; discurso

ABSTRACT: The objective of the work is to talk about our experience in the scientific initiation project that takes place at the Estacio de Sá University (UNESA) - Campus Petrópolis called

“The denial of racism in psychology”. The developed research is bibliographic and qualitative, where we evaluate the texts of social psychology, which are related to the theme of racism and we articulate them with the concept of denial of racism, created by linguist Van Dijk (2010), who discusses linguistic resources that we use to camouflage racist speeches. Later, inspired by this author, we created five categories to understand the discursive strategies that deny racial discrimination that were found in the texts on social psychology. We defend the need to research this topic in psychology, so that we can enforce the fundamental principles of the psychologist's code of ethics, which value human rights. Therefore, as professionals, we need to be attentive to the various forms of oppression and inequality that exist and, in the case of a racist society, such as the Brazilian one, it is essential to understand the gears of this discourse. It is also necessary to assume the responsibility that our profession has with the perpetuation of racism, since it is historically linked to the discourse of elites and therefore, if it is not critical and transformative, we end up perpetuating and maintaining a racist logic. What we can observe in the articles is that racism is still an under-studied theme in psychology and because it is cultural it also influences our practice and writing. We believe that the concept of denial of racism is the key so that we can investigate the resistance of psychologists to study the theme and that, from that, we can make a more consistent and relevant production on the subject.

KEYWORDS: Denial of Racism; psychology; speech

1 | INTRODUÇÃO

Em uma aula de psicologia social, dada para o sexto período do curso de psicologia, decidi dar uma aula sobre o então recém lançado documento do conselho Federal de psicologia chamado “Relações Raciais: Referências Técnicas Para atuação de psicólogos/os”. Dos cinco eixos existentes nesse trabalho, sugeri a leitura do segundo e nele se discutia questões relativas ao racismo institucional, interpessoal e pessoal. Durante a aula, uma aluna diz que existe um tipo de racismo pouco discutido o “racismo reverso”. Expliquei porque o racismo reverso não existia. Falei que a estrutura do nosso país é racista, sobre leis do início do século XX, projeto eugenista brasileiro, dentre outros assuntos. E que apesar de apelidos como “leite azedo”, “branquelo” e “palmito” serem desagradáveis e causarem sofrimento, isso não poderia ser caracterizado como racismo. Após a aula encerrada, a turma saiu, outra entrou e quando eu ia começar a aula seguinte um aluno bate a porta e pede para falar comigo. Vou à porta e ele, muito irritado, me diz “Você acredita que mesmo depois de toda explicação que você deu, a turma está aqui fora discutindo sobre racismo reverso?” Eu disse que acreditava e que leva tempo e dá muito trabalho para que essa discussão seja assimilada e que é preciso perseverar.

Essa história me remeteu à Van Dijk e ao seu conceito de negação do racismo. O autor diz que um dos aspectos predominantes dos discursos racistas, adotados

na atualidade, estão ligados a sua negação. Frase como “Não tenho nada contra negros, mas ...” são um dos mais clássicos exemplos de negação do racismo.

A necessidade de se discutir a negação do racismo, no curso de psicologia, possui inúmeras justificativas. Todavia, para não nos prolongarmos desnecessariamente, nos deteremos em apenas duas delas: Para que possamos fazer valer os princípios fundamentais do código de ética do psicólogo e a necessidade de assumir, historicamente, a contribuição da psicologia na construção desses discursos racistas em nossa sociedade.

No que diz respeito ao código de ética, é necessário evocar o terceiro princípio fundamental do psicólogo diz que “O psicólogo atuará com responsabilidade social, analisando crítica e historicamente a realidade política, econômica, social e cultural”. Em um país estruturado pelo racismo, afastar essa discussão da formação dos discentes mina a possibilidade de se fazer respeitar esse e outros dos nossos princípios fundamentais.

Masiero (2005) fala que o diálogo entre questões raciais e psicologia possuía força no início do período novecentista. Termos como “evolução psíquica da raça” (Silva, 1931), “psycho eugenia” (Lopes 1938) e “psychologia do eugenico” (Vianna, 1930) eram encontrados na literatura acadêmica da área da saúde. Apesar da psicologia, enquanto profissão, só ter sido regulamentada em 1962, é indiscutível que carrega-se, até hoje, essa herança.

Assim, a associação entre a psicologia e a eugenia é uma mancha na história da nossa profissão e temos o dever de desvelá-la e produzir, em seu lugar, conhecimento que tenha como objetivo fomentar a transformação social no Brasil.

O objetivo desse artigo é falar sobre o processo de construção do nosso grupo de iniciação científica – intitulado a negação do racismo na psicologia – e apresentar quais as discussões que tivemos e que tipo de reflexões e materiais foram produzidos durante esse processo. Escrito a várias mãos, começaremos com um relato de como foram os nossos encontros, como eles foram se desenhando. Após esse momento, apresentaremos tanto as categorias criadas por Van Dijk, sobre a negação do racismo, quanto às criadas por nós, a partir da articulação das idéias do lingüista com a leitura dos textos de psicologia social.

2 | RELATO SOBRE AS REUNIÕES

Os encontros da iniciação científica tiveram seu início em meados no ano de 2018 e encerraram-se ao final do primeiro semestre de 2019. Nossas reuniões aconteciam às segundas-feiras, no turno da noite, na Universidade Estácio de Sá (UNESA) - Petrópolis, para que pudéssemos fazer as leituras de artigos acadêmicos, de psicologia social, e relacionar com o conceito de negação do racismo.

A composição do grupo é um ponto importante de se ressaltar. Participavam uma professora de psicologia social e alunos da graduação, do quarto período até o último. Ao longo do ano, a equipe teve um número variado de participantes. Em um determinado momento fomos sete e terminamos com cinco integrantes. Além da variedade de períodos, também é digno de nota que as pessoas participantes eram de diversas cores: negras, brancas e amarela. Essa formação aconteceu de maneira espontânea, ou seja, pessoas interessadas em participar das discussões eram aceitas de forma irrestrita. A presença de estudantes de diferentes cores na iniciação potencializa um aspecto da discussão do racismo que é extremamente significativa e merece destaque: racismo é uma questão relacional, logo, todos os envolvidos nela precisam se responsabilizar por essa discussão.

Nas reuniões incentivava-se a falar partir do próprio lugar de fala, de expressar opiniões, se deparar com preconceitos e iniciar um processo de desconstrução daquilo que, por estruturação social, foi construído em nós. Havia uma preocupação em criar um espaço de acolhimento, posto que, Bento (2002) ao falar sobre branquitude, nos alerta que sentimentos como culpa e raiva podem surgir e, ao se falar em negação do racismo, com um grupo multicolorido, essa foi uma preocupação que tivemos em mente.

Após a formação da equipe, o passo seguinte foi a leitura do artigo “Revisão sistemática de estudos da psicologia brasileira sobre preconceito racial” (Sacco, Couto e Koller, 2019) e, a partir dali, escolher quais os artigos que mais nos interessaríamos. Esse texto apontava que uma quantidade significativa de trabalhos discutiam, a partir das mais diversas abordagens, a questão das cotas raciais.

Após cada um dos integrantes do grupo escolher os textos¹ que leriam, seguimos a seguinte orientação: Ler e identificar a existência de alguma estrutura discursiva que negasse do racismo nesses textos. A partir disso, cada um apresentaria a leitura que fez do texto selecionado e apontaria onde tinha identificado a negação do racismo. Discutíamos, então, se tal estrutura discursiva que negava o racismo se encaixava, ou não, nas categorias de Van Dijk, se era possível encontrá-la em mais de um texto, e se não era importante expandir a compreensão sobre o que é a negação do racismo, no contexto brasileiro.

Essa forma de construir a iniciação fez com que os alunos acabassem se aprofundando em cada um dos seus textos e que lessem e relesem para saber se as considerações de seus colegas eram válidas, também, para o texto que havia lido. Isso fez com que o volume de leitura não fosse dos mais elevados. Essa

1 Os textos selecionados foram: A mobilização do discurso da democracia racial no combate às cotas para afrodescendentes (Oliveira Filho, 2009), Política afirmativa racial: polêmicas e processos de identidade do cotista universitário (Nery e Costa, 2009), Representações sociais de estudantes universitários sobre cotas na universidade (Naiff, Naiff e Souza, 2009), Política racial afirmativa e afetividade na interação intergrupala (Nery e Conceição, 2006), Repertórios discursivos de estudantes universitários sobre cotas raciais nas universidades públicas brasileiras (Camino et al., 2014) e A implantação de cotas na universidade (Lima, Neves e Bacellar e Silva, 2014).

estratégia teve por justificativa o fato de termos estudantes que trabalham durante o dia e estudam a noite e que apresentam dificuldades em dar conta da leitura das disciplinas regulares no curso de psicologia. Pensando nisso, as reuniões realizadas tinham como foco incentivar a compreensão do raciocínio científico e refletir sobre as articulações entre conceitos e textos, o que percebo ser a maior dificuldade dos estudantes de nossa universidade.

Utilizar como eixo estruturante de nosso trabalho um conceito de Van Dijk (2012), traz também alguns receios. A crise que a psicologia social passou na década de 70, em que se põe em questão a relevância da psicologia social criada nos Estados Unidos para América Latina, nos fez pensar sobre como seria utilizar o conceito de um autor holandês, posto as especificidades do racismo brasileiro. Concluímos que o conceito de negação do racismo não contemplaria a nossa realidade integralmente, mas que poderia nos servir de inspiração para fazermos reflexões mais adequadas para o nosso cotidiano.

Assim, pretendemos nas próximas páginas apresentar quais são as formas de negação do racismo, apresentadas por Van Dijk e quais as categorias que nós elaboramos, a partir da leitura dos textos realizados em nossos encontros.

3 | NEGAÇÃO DO RACISMO, CATEGORIAS DE VAN DIJK

Van Dijk (2012) nos apresenta o conceito de negação do racismo, que seria uma das principais formas de demonstração do racismo na contemporaneidade. A idéia apresentada pelo autor parece dialogar muito com a realidade brasileira, posto que o mito da democracia racial é estruturante na nossa sociedade e ele se caracteriza, justamente, por negar a existência do racismo.

De acordo com o lingüista, existem quatro maneiras de se negar o racismo: mitigação, escusa, justificativa e reversão. São essas estratégias discursivas que iremos nos aprofundar a partir de agora.

A mitigação é quando, através de uma idéia, procura-se suavizar uma ação negativa, podendo se utilizar de eufemismos. Esse é um método em que a pessoa que fala pode definir suas intenções como “apenas uma brincadeira ou conselho”. Nessa categoria entram aqueles discursos onde pede - se para um afrodescendente cortar seu cabelo crespo que está muito grande e sem “forma” ou para alisá-lo. Ela deixa bem explícita o quanto o racismo pode vir de maneiras mais “leves“, a fim de não causar tanto impacto para aquele que está ouvindo. É uma forma de tentar padronizar todo um grupo, a partir de uma lógica eurocentrada e, conseqüentemente, desvalorizando a cultura e estética africanas.

A segunda categoria é a escusa e ela se refere à tentativa de jogar em terceiros a atitude racista do enunciador do discurso. Um exemplo dessa estrutura lingüística

ocorre quando uma candidata a modelo negra não pode desfilar em uma marca e a justificativa é que os consumidores iriam estranhar a sua presença.

A escusa pode ser entendida também quando uma pessoa é responsabilizada pelo fracasso escolar ou condições miseráveis que a mesma pode se encontrar, sem entender que esse é, antes de tudo, um problema histórico e social. Esse tipo de discurso é muito impactante não só pelas palavras, mas pela naturalidade com o qual ele é reproduzido na sociedade, indicando para nós o quanto o racismo está presente em nosso cotidiano.

A terceira categoria mencionada é a justificativa, onde faz - se um discurso negativo a cerca de uma minoria, mas nega-se a conotação racista através de uma justificativa. É possível observar esse tipo de discurso quando, em uma conversa, uma pessoa sai em defesa da repressão policial a jovens negros sobre a desculpa de que eles são criminosos e precisam pagar pelo que “fazem”, ou ainda quando um há uma atenção especial da mídia dada à alguma minoria sob a prerrogativa de que o povo precisa ser informado.

A última categoria descrita por Van Dijk é a reversão. Observa-se aqui que a vítima do ato racista acaba sendo responsabilizada pela violência sofrida. Nessa fala a pessoa pode dizer que a outra é racista ao invés dela, ou que os integrantes de um determinado grupo que é estereotipado são os verdadeiros racistas, o que se configura como algo muito grave, mais do que as próprias atitudes racistas listadas acima. Um exemplo de reversão está presente na nossa introdução, quando uma estudante na história contada, a aluna fala em racismo reverso.

É importante frisar que uma elite cultural nunca vai ocupar o lugar de vítima de discriminação racial, tendo em mente que o racismo é um processo histórico e social e não uma ofensa e injúria racial. A negação do racismo configura - se hoje como uma das principais formas de disseminação do preconceito de modo velado de que temos conhecimento.

Categorias criadas na iniciação “A negação do racismo na psicologia”

Quando fizemos a leitura de artigos sobre cotas raciais, publicados em revistas de psicologia, nós observamos cinco maneiras distintas de negação do racismo e criamos as seguintes categorias:

- 1 – Como sabemos quem é negro?
- 2 – Cotas sociais em detrimento às cotas raciais
- 3 – Cotas como manutenção da desigualdade racial no Brasil
- 4 – Igualar discriminação a racismo
- 5 – Questão do endo e exo grupo

Depois disso, começamos a refletir sobre as categorias criadas por nós e Van Dijk e percebemos que a 2 e 3 são abrangidas pela teoria do lingüista. Na

categoria 2, observou-se que ela é uma estratégia de mitigação. O texto de Lima, Neves e Silva (2014) fala que o argumento de muitos sujeitos da pesquisa, contra as cotas, era de que “O problema é de classe e não de cor”(p.153). Acreditamos que trocar preconceito de classe pelo preconceito de cor é um eufemismo, uma tentativa de associar o fato de que a presença de poucos negros na universidade – antes das cotas – não se deve a cor da sua pele, mas ao fato deles serem a maior parte dos pobres no Brasil. A falta de relação entre pobreza e cor, no entanto, não é problematizada.

A categoria 3, pudemos observar que se trata de uma forma de reversão. A causa do racismo passa a ser atribuída à insistência em se racializar a realidade brasileira e não um projeto de poder que se utiliza da diferenciação da cor da pele como estratégia. Interpreta-se que a necessidade de uma auto declaração racial seria um “lembrete” de que possuímos diferentes cores e isso fomentaria conflitos raciais, transformando quem defende as cotas nos verdadeiros “racistas”.

Posto isso, o que trabalharemos a partir de agora são as categorias 1, 4 e 5 que acreditamos não terem sido contempladas na obra de Van Dijk, por conta das diferenças culturais entre a realidade brasileira e a holandesa.

- Como sabemos quem é negro?

Ana Júlia: ... isso no Brasil é impossível porque... quem é negro, quem é branco?
(OLIVEIRA FILHO, 431, 2009)

Essa estrutura lingüística, que nega o racismo, é tipicamente brasileira e baseada na “ideologia da miscigenação” (Skidmore, 1991). Ao ser comparada com países como Estados Unidos e África do Sul – que já proibiram relacionamentos interraciais – essa lógica da miscigenação passa a falsa impressão de que somos um país “racialmente harmonioso”. Contudo, a diferença do Brasil, para esses dois países é a seguinte: enquanto eles defendiam a supremacia branca e, para tal, utilizavam-se de forte aparato político, a política da miscigenação brasileira está ligada a superioridade branca e ela é mais engenhosa e “sutil” (Skidmore, 1991).

Com o mito da democracia racial, a ideia de que a miscigenação é a prova da boa relação entre pessoas de diferentes cores ganha mais força no Brasil, enquanto que a violência – simbólica e sexual – desse processo é relegada ao esquecimento. Todo esse cenário constrói a idéia de que não existem os motivos para reparação histórica, já que no Brasil existe harmonia racial, e que, mesmo se quiséssemos, é impossível por conta da mistura.

Essa “dúvida” de quem é negro e quem é branco, surge com muita força a partir do que se convencionou chamar de afro-conveniência ou negritude de oportunidade.

Esse é o fenômeno onde pessoas reivindicam a identidade racial negra, visando obter ganhos como poder ter direitos a cotas raciais ou conseguir mais sucesso no mercado musical transitando entre identidade racial negra e a branca, conforme for mais proveitoso (Oliveira, 2017).

Se ao longo de toda a política de branqueamento, o que se tentou fazer foi abafar qualquer traço de negritude, com a afro-conveniência se busca evocar “um tataravô negro” ou qualquer parente bem distante – que anteriormente era escondido e apagado da história familiar – a fim de obter vantagens.

- Igualar discriminação a racismo

Personagem – Estudante branco-obeso: – “Eu tive altíssima nota, mas não entrei no último vestibular, porque alunos com notas inferiores a minha entraram pelo sistema de cotas. Tenho uma história de preconceito na escola, por ser obeso, e sou muito estudioso. Eu nunca fui muito incluído na escola, sempre fui gordinho. Eu mereço passar no vestibular, tanto quanto o negro” (Nery e Conceição, 369).

A presente categoria diz respeito a equivaler qualquer tipo de discriminação ao racismo. Mas o que diferencia o racismo da gordofobia, por exemplo? Paim (2016) fala da gordofobia como uma forma de opressão e, em muitos aspectos, a exclusão sofrida pelas pessoas gordas são semelhantes à passada pelas pessoas negras – elas também passam por “discriminação no trabalho, nos serviços de saúde e na sua vida afetivo-sexual”(Paim, p.2). Logo, como psicólogos é nosso dever trabalhar pautados na promoção da liberdade e dignidade. Porém, o que significa dizer que os gordos sofrem da mesma forma que os negros? É aí que observamos a negação do racismo.

A maneira de entendermos o corpo gordo mudou bastante ao longo da história. Segundo Vigarello (2012) o período medieval sofreu com várias crises alimentícias, que geraram fome e miséria. Nesse contexto o corpo gordo era um símbolo de fartura, sugeria que aquele era um corpo rico e saudável, que não sofria com a fome. É na sociedade contemporânea que o corpo gordo passa a significar uma “falência moral” e ser entendido de forma pejorativa.

Já os povos africanos sofrem com a construção de imagens depreciativas desde Heródoto, historiador e geógrafo negro que, segundo estimativas, viveu entre os anos 485 e 430 A.C. Desde então, diversos navegantes contribuíram para uma imagem da África como um lugar, cujos habitantes possuíam olhos no meio do peito, gente sem cabeça, com chifres e às vezes caudas. Essas idéias sobrenaturais foram sofrendo metamorfoses até chegar a idéia negativa do negro e de tudo vinculado a ele – cultura, religião, etc – (Gomes, 2009).

Outro ponto que podemos ligar a negação do racismo aqui é a falta de

compreensão de que as cotas raciais são resultado de um processo de luta e não uma “benesse” política. Desde a primeira fase do movimento negro brasileiro, datado de 1889, a questão educacional já fazia parte da pauta de discussões (Domingues, 2007). Já o ativismo gordo brasileiro está organizado em torno da internet, mostrando ser muito mais recente (Rangel, 2017). Ao comparar os gordos aos negros, quando falamos de cotas, negligencia-se que esta surgiu como resultado direto da longa mobilização dos negros brasileiros e ao obscurecer esses aspectos acima discutidos, estamos contribuindo para a negação do racismo.

A discriminação pode ser entendida como fechamento de acesso a determinados bens ou recursos ou através de um fechamento diferencial ou negativo (SAWAIA, 1999, p.53) – como acontece, também, com as pessoas gordas. A tentativa de comparação entre outros tipos de discriminação e racismo, implica diretamente na negação do mesmo, uma vez que há, na fala de quem nega, a falta de reconhecimento dos processos históricos e de luta por detrás destes distintos grupos.

- Questão do endo e exo grupo

Leonardo: “Não, eu acho... Que não pode ter separação entre brancos e negros. Acho que a gente tem que melhorar as condições dos negros, mas não... considerando eles um grupo à parte da sociedade...” (OLIVEIRA FILHO, 431, 2009)

Sobre a questão do endo e exo grupo, podemos considerar que o “exo” grupo engloba os sujeitos que sofrem com a discriminação e racismo e o “endo” grupo como a classe predominante. Então é importante frisar que o discurso racista está presente em diversos aspectos do cotidiano. Este compreende desde relações do dia-a-dia e até mesmo questões relacionadas a leis. É através das expressões que são utilizadas para designar formas de agir, negações e concessões aparentes, dentre outros aspectos que a denominada “elite” rege sobre as ideologias em massa.

De acordo com Van Dijk (2012), o “endo” e “exo” grupos são caracterizados por uma tendência global do favoritismo, ou seja, há uma depreciação extra grupal e uma auto apresentação positiva intergrupal. Essa relação envolve o discurso da classe dominante, o qual é considerado como as elites simbólicas, não porque são mais ou menos racistas, mas eles têm um melhor acesso às formas mais influentes do discurso para a massa. Por outro lado, os negros são considerados o grupo discriminado em um contexto social que os oprime e os define. Existe uma análise do discurso das elites que oferece uma perspectiva particularmente relevante acerca do mundo e como o racismo é reproduzido (VAN DIJK, 2008). A partir disso, podemos afirmar que é através da retórica de discursos preconceituosos que são disseminados de forma cultural a ideia de poder e status sobre o grupo reprimido. Neste contexto social, há diversas formas de manipulação referentes a ideologia simbólica que a

classe dominante propaga, como a discussão sobre as cotas.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise crítica do discurso (ACD) tem como objetivo investigar a produção, reprodução e o combate do abuso de poder, desigualdade e estratégias de dominação em textos – sejam eles orais ou escritos. Esse tipo de estudo se opõe a qualquer suposição de neutralidade do pesquisador. Pelo contrário, o analista crítico do discurso é comprometido com o rechaço da desigualdade social (Van Dijk, 2012). Por essa razão, consideramos que abordar essa teoria é uma contribuição pertinente para um livro que se propõe a pensar uma sociedade mais justa.

Com relação ao tema, somos categóricos em afirmar: é inadmissível se pensar em uma sociedade mais justa se não nos aprofundarmos, de maneira sistemática, no tema racismo. Mas como Sacco, Couto e Koller (2016) nos informam, os números de pesquisas publicadas, em periódicos de psicologia, sobre preconceito racial são relativamente pequenos. Acreditamos que a chave para compreender o atraso da discussão racial na psicologia brasileira está na negação do racismo.

Com a negação do racismo, não precisamos nos aver com nossa responsabilidade e convivência com os discursos elitistas e com o fato de termos contribuído, das mais diversas formas, para as práticas racistas em nossa sociedade.

De acordo com o documento do CFP chamado “Quem são as psicólogas brasileiras?” (2013) constata-se que 67% das profissionais de psicologia são brancas. Como isso reflete na nossa prática? No apagamento do viés racial da formação do psicólogo, por exemplo. Segundo documento “Óbitos por suicídio entre adolescentes e jovens negros 2012 a 2016”, elaborado pelo ministério da saúde em parceria com a universidade de Brasília, no ano de 2016, um adolescente ou jovem negro tinha 45% mais chances de se suicidar do que brancos na mesma faixa etária. As razões são variadas para tal cenário: sentimento de inferioridade, ausência de sentimento de pertença, solidão, isolamento social entre outros fatores.

Poderíamos dar inúmeros exemplos sobre a ausência de discussões raciais em temas que são caros a psicologia. Contudo, para finalizarmos esse artigo achamos necessários destacar o uso da palavra psicologias, em nosso título. Sua utilização visa enfatizar a pluralidade da psicologia e, apesar dela, existe um aspecto em comum que as assemelha: a negligência com a questão racial.

Por isso, defendemos a necessidade dos diálogos entre o racismo e a psicologia e que o caminho produtivo para realizá-los seja investigar a nossa negação em abordar a questão racial. Apostamos que seja essencial compreender o que nos impede nessa empreitada e que o aprofundamento no conceito de negação do racismo é uma perspectiva promissora.

REFERÊNCIAS

- BENTO, M. A. S. **Branquitude**: o lado oculto do discurso sobre o negro. In I. Carone & M. A. S. Bento (Orgs.), *Psicologia social do racismo*. p. 147- 162, 2002.
- CAMINO, L., TAVARES, T. L., TORRES, A. R. R., ÁLVARO, J. L., & GARRIDO, A. Repertórios discursivos de estudantes universitários sobre cotas raciais nas universidades brasileiras [Número especial]. **Psicologia e Sociedade**, v.26,p.117-128, 2014. doi:10.1590/S0102-71822014000500013
- DOMINGUES, P. Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos. **Tempo**: Revista do Departamento de História da UFF, Niterói, v. 12, p. 100-122, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tem/v12n23/v12n23a07.pdf>. Acesso em: 27 dez. 2019.
- GOMES, H. T. **As Marcas da Escravidão**: O Negro e o Discurso Oitocentista no Brasil e nos Estados Unidos. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009.
- LIMA, M. E. O., NEVES, P. S. C., & BACELLAR E SILVA, P. A implantação de cotas na universidade: Paternalismo e ameaça à posição dos grupos dominantes. **Revista Brasileira de Educação**, v.19, n.56, p.141-163, 2014. doi:10.1590/S141324782014000100008.
- MASIERO, A. L. A Psicologia racial no Brasil (1918-1929). **Estudos de Psicologia (Natal)**, v.10, n.2, p.199-206, 2005. doi:10.1590/S1413-294X2005000200006.
- NAIFF, D. G. M., Naiff, L. A. M., & Souza, M. A. As representações sociais de estudantes universitários a respeito das cotas para negros e pardos nas universidades públicas brasileiras. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v.9, n.1, p.219-232, 2009.
- NERY, M. P., & Conceição, M. I. G. Política racial afirmativa e afetividade na interação intergrupla. **Interação em Psicologia**, v.10, n.2,p.363-374, 2006.
- NERY, M. P., & COSTA, L. F. Política afirmativa racial: Polêmicas e processos de identidade do cotista universitário. **Psico USF**, v.14, n.2, p.211-220, 2009. doi:10.1590/S1413-82712009000200010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pusf/v14n2/v14n2a10.pdf>. Acesso em: 30 set. 2019.
- OLIVEIRA FILHO, P. A mobilização do discurso da democracia racial no combate às cotas para afrodescendentes. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, v.26, n.4, p.429-436, 2009. doi:10.1590/S0103-166X2009000400003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v26n4/03.pdf>. Acesso em: 23 de set. 2019.
- PAIM, M.B. os corpos gordos merecem ser vividos. Os corpos gordos merecem ser vividos. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 27, ed. 1, p. 1-6, 4 fev. 2019. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v27n1/1806-9584-ref-27-01-e56453.pdf>. Acesso em: 9 jan. 2020
- RANGEL, N.F.A. A emergência do ativismo gordo no Brasil. Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress (Anais Eletrônicos),2017, Florianópolis, p. 1- 13.
- SACCO, A. M.; COUTO, M. C. P. P. e KOLLER, S. H. Revisão sistemática de estudos da psicologia brasileira sobre preconceito racial. **Temas em psicologia**,
- SAWAIA, B. B. **Artimanhas da exclusão**: uma análise ético-psicossocial da desigualdade. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- SKIDMORE, T. E. Fato e mito: descobrindo um problema racial no Brasil. **Cadernos de pesquisa**, São Paulo, ed. 79, p. 5-16, 1991. Disponível em: <http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/cp/article/view/1010/1020>. Acesso em: 7 jan. 2020.
- VAN DIJK, T.A. **Discurso e Poder**. São Paulo: Contexto, 2012.
- VIGARELLO, G. **As metamorfoses do gordo**: historia da obesidade: da Idade Média ao século XX. Petrópolis: Vozes, 2012.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Adolescência 39, 135, 195, 196, 197, 206

Amnésia 109, 110

Aprendizagem 17, 38, 109, 110, 134, 170, 200

Autismo 166, 167, 168, 169, 170, 172, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180

Autoconhecimento 122, 123, 124, 126, 136, 137, 139, 140, 142, 149

B

Bioecológico 166, 168, 171, 172, 173, 179

Burnout 1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 11, 12, 13, 29, 31, 33, 42, 47, 49, 50, 52, 55, 56, 57, 58

C

Cerâmica 122, 123, 124, 125, 128, 130, 131, 132, 134, 135

Comunidade 7, 18, 21, 45, 47, 51, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 135, 146, 147, 148, 184, 186, 199

Criatividade 135, 138, 142, 144, 146, 147, 148, 171

Cultura 3, 11, 60, 62, 64, 74, 101, 103, 115, 118, 135, 183, 185, 202, 204

D

Discurso 19, 111, 114, 115, 116, 119, 120, 121, 147, 148, 186, 192, 193, 194

Docência 49, 50, 57, 58

E

Educação 11, 17, 18, 23, 33, 47, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 56, 57, 72, 74, 75, 81, 82, 89, 91, 93, 103, 121, 133, 135, 137, 140, 150, 173, 180, 181, 183, 195, 197, 201, 204, 205

Ensino 9, 10, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 55, 56, 57, 58, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 79, 80, 81, 82, 130, 135, 153, 178, 188

Estresse 1, 3, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 13, 31, 33, 39, 47, 49, 50, 51, 52, 55, 57, 58, 70, 173, 174, 178, 200, 203, 204

G

Gravidez 181, 182, 183, 184, 186, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196

H

Hipocampo 109, 110, 204

M

Maus-tratos infantis 206

Memória 34, 35, 36, 38, 98, 99, 107, 108, 109, 110, 149, 156

Mercado de trabalho 14, 15, 19, 20, 22, 23, 87, 88, 89, 91

Morte 33, 60, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 91, 100, 139, 155, 164, 184, 199

N

Neuropsicologia 110, 150, 151, 152, 164, 165

O

Obesidade 59, 60, 61, 62, 63, 64, 66, 68, 69, 70, 121

P

Poesia 146, 147, 148

Políticas públicas 5, 28, 40, 43, 92, 149, 204, 205

Presídio 85, 86

Psicologia organizacional 20

Psicologia social 93, 96, 100, 101, 107, 108, 111, 112, 113, 114, 115, 121, 183, 185, 196

Psicossomática 76, 77, 78, 79

Q

Qualidade de vida 1, 3, 4, 5, 6, 11, 12, 13, 50, 51, 57, 58, 59, 80, 110, 138, 140, 144, 167, 174, 176

R

Reabilitação 3, 12, 17, 28, 86, 136, 137, 138, 139, 141, 144, 145, 150, 167, 174, 179

Recursos humanos 7, 14, 15, 19, 20, 22

Relações sociais 97, 99, 102

Representações sociais 83, 87, 88, 90, 91, 93, 94, 114, 121, 181, 183, 185, 186, 187, 195, 196, 197

Rorschach 40, 150, 151, 153, 154, 156, 157, 159, 160, 164, 165

S

Saúde 1, 3, 4, 5, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 15, 18, 23, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 69, 70, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 97, 113, 118, 120, 136, 137, 138, 140, 141, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 166, 167, 168, 174, 176, 177, 178, 179, 181, 182, 183, 187, 188, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 204, 205, 206, 207, 208

Saúde coletiva 13, 23, 43, 69, 82, 187, 195, 206, 207, 208

Saúde mental 3, 8, 12, 25, 28, 29, 31, 39, 40, 43, 44, 45, 48, 52, 63, 76, 79, 146, 149, 177

Saúde pública 12, 40, 43, 57, 59, 60, 197, 198, 200, 205, 206, 207, 208

T

Terapia cognitiva comportamental 59, 66, 70

Trabalho 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 17, 18, 19, 20, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 50, 51, 52, 55, 56, 57, 73, 75, 77, 81, 82, 85, 87, 88, 89, 90, 91, 95, 96, 97, 101, 102, 107, 109, 111, 112, 115, 118, 122, 124, 125, 126, 127, 128, 130, 132, 133, 134, 136, 137, 138, 140, 141, 142, 147, 148, 149, 150, 151, 156, 164, 167, 172, 190, 196, 202

Transtorno mental 25, 26, 27, 29, 31, 32, 34, 36, 37, 40, 41, 42

Treinamento 17, 20, 22, 35, 40, 73, 152, 154, 166, 175, 178, 179

U

Universidade 1, 8, 14, 23, 43, 45, 46, 47, 48, 55, 56, 70, 71, 92, 93, 94, 111, 113, 114, 115, 117, 120, 121, 122, 150, 165, 178, 179, 180, 187, 194, 195, 196, 197, 198

 **Atena**
Editora

2 0 2 0